

Anthony Braxton

Diamond Curtain Wall Quartet

25 Abr 2015
21:00 Sala Suggia

-

CICLO JAZZ
MÚSICA & REVOLUÇÃO
MÚSICAS PROIBIDAS

Anthony Braxton *saxofones alto, soprano e sopranino,
clarinete contrabaixo e electrónica*

Taylor Ho Bynum *corneta, trompete de bolso,
trompete baixo, fliscorne e trombone*

Mary Halvorson *guitarra e efeitos*

Ingrid Laubrock *saxofones alto e soprano*



APOIO



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

RÉSEAU
VARÈSE



reseé

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Anthony Braxton é o não-músico. O multi-instrumentista que se auto-denomina “um estudante profissional de música” perspectiva a música não como um fim, mas como veículo para a exploração de ideias de outra ordem: “dou por mim a pensar em mim como um cientista frustrado. Não estou de todo interessado em música. Nem estou interessado em espiritualismo. Estou apenas interessado em matemática e tecnologia. Uso a música como meio para atingir um certo tipo de ideias conceituais que me atraem. A música é o caminho mais rápido que consegui encontrar para chegar aonde pretendo. Mas se houvesse um caminho mais rápido, seguiria esse caminho” (Braxton, 1971). O homem que estudou matemática e se tornou obcecado pelo xadrez define a música como “geometria sonora” e considera a música e a matemática como duas faces da mesma realidade.

No contexto do percurso do jazz ao longo dos séculos XX e XXI, Braxton (1945-) figurou sistematicamente como personagem lateral. De difícil catalogação, foi frequentemente marginalizado pela crítica ao longo da sua carreira: “Durante os últimos cinquenta anos, o meu trabalho foi visto como não-jazz, não-negro, não-música erudita contemporânea, e sem *swing*” (Braxton, 2014). Este estatuto é o resultado do seu posicionamento estético, definido por uma transversalidade estilística: “os meus interesses nunca foram idiomáticos, os meus interesses eram *trans*-idiomáticos” (Braxton, 2014). Inicialmente atraído pelas correntes libertárias do *free jazz* e do *avant garde* na década de 1960, Braxton cedo se rebelou e começou a construção da sua estética singular, assente no seu interesse pelo jazz e a música negra americana, mas também pela música erudita contemporânea e

outras expressões musicais por todo o globo, como a música clássica indiana ou a música dos índios nativos da América do Norte. Forte opositor das relações dicotómicas que tradicionalmente marcam o pensamento ocidental sobre a criatividade, Braxton advoga um posicionamento estético assente em três pontos. “Sei que sou afro-americano e sei que toco saxofone, mas não sou um músico de jazz. Também não sou um músico clássico. A minha música é como a minha vida: está por entre essas áreas”. “A música não é só composta ou improvisada, também inclui a intuição. Há que considerar não só o passado e o presente, mas também o futuro. As coisas não são sempre isto ou aquilo, frequentemente são aquela outra coisa”. Esta perspectiva de Braxton está tratada extensivamente em *The Tri-Axium Writings*, um conjunto de investigações filosóficas em três volumes. Este pensamento tripartido enquadra a produção de Braxton a todos os níveis (a organização sem fins lucrativos que promove e desenvolve a produção do multi-instrumentista recebeu mesmo o nome de Tri-Centric Foundation).

Numa fase inicial do percurso de Braxton, teve particular proeminência a Association for the Advancement of Creative Musicians (AACM), uma instituição sem fins lucrativos sediada em Chicago e dedicada à promoção do jazz negro *avant garde*. Fundada em 1965 pelo pianista e compositor Muhal Richard Abrams na sequência de um projecto seu denominado Experimental Band (1961), a AACM desenvolveu uma dinâmica colectiva assente na performance de material original e numa estética *avant garde*. Na AACM, a cada membro era pedido que contribuísse com as suas próprias composições, protagonizasse recitais a solo, e mantivesse padrões morais elevados. Adicio-

nalmente, era esperado dos membros mais antigos que contribuíssem para o aperfeiçoamento dos membros mais jovens. Os primeiros anos de actividade da AACM contaram com nomes como Lester Bowie, Roscoe Mitchell e o próprio Anthony Braxton, que se juntou ao colectivo logo em 1966. Para Braxton, “a AACM era uma congregação mística de homens e mulheres. Foi uma das melhores coisas que me aconteceram. Pela primeira vez na minha vida, encontrei um grupo de pessoas que me entendiam a mim e às coisas que me interessavam. Pude começar a minha viagem de aprendizagem sobre mim, aprendizagem sobre a música” (Braxton, 2014).

O posicionamento artístico de Braxton não implica uma desvalorização da tradição. Muito pelo contrário: segundo o próprio, “o meu trabalho só é possível por causa do que aprendi com os grandes artistas que vieram antes de mim. Na minha opinião, a tradição diz: ‘Tudo isto já foi feito, e tu tens de aprender estas bases e respeitar os últimos dois ou três mil anos de música documentada. Mas não deixes que isso seja um pretexto para não encontrares o teu trabalho’” (Braxton, 2014). Braxton integra, portanto, o cânone do jazz, ao mesmo tempo que recorre ao vocabulário e aos mecanismos de outros domínios. De resto, a sua produção musical e as colaborações artísticas que desenvolveu ao longo da carreira são um testemunho do seu eclectismo: algumas das mais relevantes incluem o pianista norte-americano Chick Corea (1970-71), o guitarrista inglês Derek Bailey (1974-77) e o ensemble italiano de música improvisada Musica Elettronica Viva (1970). Muito particularmente, o seu percurso musical reflecte a estreita ligação que mantém com a música erudita contemporânea.

O próprio Braxton reconhece que, muito embora seja um discípulo da tradição jazzística americana, é também “um filho de Arnold Schoenberg, Karlheinz Stockhausen, Iannis Xenákis e John Cage” (Braxton, 2014). A sua obra *Composition 82* (1978), escrita para 4 orquestras sinfónicas num total de 160 músicos, representa não só um momento de inequívoca aproximação às técnicas da música erudita contemporânea mas também um marco na história da composição para orquestra. Na senda do trabalho de vários compositores da segunda metade do século XX (como Xenákis, Edgar Varèse ou Luigi Nono), o compositor concebeu a obra tendo em mente a distribuição dos músicos num eixo de 360°, desta forma aproximando-se da chamada “música espacial” do século XX.

Segundo Barry Kernfeld, Braxton situa-se assim na confluência entre a tradição do jazz e a música erudita europeia, muito embora sempre tenha iludido qualquer tentativa de catalogação. Na verdade, para Kernfeld é até surpreendente que a música de Braxton nunca tenha sido catalogada como *third stream*, embora represente possivelmente um dos seus melhores exemplos. O termo *third stream*, utilizado inicialmente em 1957 pelo compositor, trompista e crítico Gunther Schuller (e fixado pelos meios de comunicação social pouco depois), refere-se a um estilo musical de fusão entre os domínios da música erudita europeia e do jazz. A utilização posterior do termo está rodeada de controvérsia. Para começar, porque a intenção de Schuller nunca foi cunhar um novo sub-estilo de jazz, mas apenas descrever a música de alguns instrumentistas e agrupamentos. Inclusivamente, Schuller preocupou-se sempre mais em determinar o que o *third*

stream não é do que em enumerar-lhe um conjunto de características definidoras. Ainda assim, nomes como o Modern Jazz Quartet (liderado pelo pianista John Lewis) acabaram por se tornar ilustrações maiores do conceito, e até porta-estandartes para um posicionamento particular no jazz. Por outro lado, o próprio domínio musical a que o termo se refere é em si mesmo controverso no sentido em que, de alguma forma, dilui a presença de uma matriz negra no jazz. A música do MJQ foi frequentemente apelidada de “música de câmara do jazz”, e muitos foram os opositores de um estilo de jazz mais devorador da tradição erudita europeia. Claro que, em décadas mais recentes, a fusão de recursos do jazz e da música erudita tornou-se de tal forma pandémica que a pertinência do próprio conceito se torna agora questionável. Inúmeros músicos e instituições, como o pianista norte-americano Keith Jarrett ou a editora discográfica alemã ECM, estabeleceram pontes importantes entre os dois domínios a partir das décadas de 1970 em diante. Hoje, estes dois domínios cruzam-se quotidianamente. Momentos de confluência entre os dois saltam à vista, particularmente se atentarmos na produção musical e nos percursos formativos de tantos músicos desenvolvendo actividade na área do jazz e da música improvisada. Braxton ocupa um lugar de relevo nesta linha de confluência.

Não obstante o seu estatuto de marginalidade, em 2014 Anthony Braxton recebeu o título de Jazz Master da National Endowment for the Arts, a agência federal norte-americana que trabalha pelo financiamento e promoção da actividade cultural nos Estados Unidos. Por entre inúmeras outras actividades, a NEA atribui anualmente prémios de carreira, entre eles

os Jazz Masters. A atribuição deste prémio representa o reconhecimento tardio de uma vida dedicada à criação artística, mas também a reconciliação do *establishment* do jazz com Braxton, o eterno marginal (os restantes laureados do ano de 2014 incluem os nomes mais consensuais de Keith Jarrett, Richard Davis e Jamey Aebersold).

A música de *Diamond Curtain Wall* que escutamos hoje combina improvisação com notação musical convencional e também técnicas de notação características da música erudita contemporânea, como a utilização de gráficos (onde cores escuras e claras representam respectivamente andamentos rápidos e lentos) e legendas representando códigos internos concebidos pelo próprio Braxton. Adicionalmente, todos os músicos reagem também ao elemento da electrónica concebida pelo compositor. O ensemble que Braxton traz hoje à Casa da Música já se apresentou anteriormente como trio (com Bynum e Halvorson) e ainda nos formatos de quinteto e sexteto (com o acrescento de outros instrumentos como o violino ou o contrabaixo). Como habitualmente, a formação de hoje inclui Taylor Ho Bynum nos metais (é também director executivo da referida Tri-Centric Foundation), a guitarrista Mary Halvorson (discípula de Braxton na Wesleyan University) e a saxofonista alemã Ingrid Labrock nas palhetas. O ensemble exhibe uma dinâmica poderosa e uma familiaridade invulgar que atestam o seu extenso trabalho em conjunto: vários destes músicos colaboram em outros projectos comuns, envolvendo nomes da cena *avant garde* como o baterista Tom Rainey ou a pianista Kris Davis.

LUÍS FIGUEIREDO, 2015

Anthony Braxton saxofones *alto*, *soprano* e *sopranino*, *clarinete* *contrabaixo* e *electrónica*

Anthony Braxton é uma personalidade crucial da música de finais do século XX, com uma carreira aclamada pela crítica. A sua obra, como saxofonista e como compositor, ultrapassou fronteiras conceptuais e técnicas na tradição musical americana de origem africana e europeia – o jazz e a música experimental americana – tal como foi estabelecida por mestres como Warne Marsh, John Coltrane, Paul Desmond, Ornette Coleman, Albert Ayler e ainda Braxton e os seus pares na histórica Association for the Advancement of Creative Musicians (AACM, fundada em Chicago no final da década de 60); e por compositores como Charles Ives, Harry Partch e John Cage. Tem-se destacado também pela expansão das possibilidades do seu instrumento, no que respeita à técnica, timbre, métrica e ritmo, arranjos, harmonia e melodia, explorando as linguagens do século XX da música europeia cunhadas por Schoenberg, Stockhausen, Xenákis, Varèse e outros.

A discografia produzida por Braxton ao longo de três décadas é caleidoscópica e prolífica, merecendo prémios prestigiantes e os elogios da crítica. Livros, capítulos antológicos, estudos académicos, recensões e entrevistas a si dedicados acumulam-se ao longo dos anos e são um sinal da atenção que a sua obra desperta. Os seus escritos sobre as tradições musicais que lhe servem de base de trabalho, e sobre os respectivos contextos históricos e culturais (*Tri-Axium Writings 1-3*), e os cinco volumes de *Compositions Notes A-E* não têm paralelo entre os artistas da tradição oral e destacam-se entre os da tradição académica.

Anthony Braxton é professor na Wesleyan University, um dos grandes centros mundiais de *world music*. A sua carreira no ensino iniciou-se no Mills College em Oakland (Califórnia) e tornou-se uma parte tão importante da sua vida criativa como o é a sua música. Nela se incluem ensaios e a liderança de ensembles, tal como aulas privadas sobre as suas próprias composições, música electrónica e cadeiras de história centrada nas suas maiores influências, desde a compositora medieval Hildegard von Bingen a mestres contemporâneos com os quais trabalhou (como Cage e Coleman).

Nos debates culturais actuais sobre a natureza e lugar das tradições ocidental e afro-americana nos EUA, o nome de Braxton continua a representar a mais ampla integração de ideias frequentemente colocadas em pólos antagónicos, tais como “liberdade criativa” e “responsabilidade”, disciplina e energia, visão do futuro e respeito pela tradição.

Taylor Ho Bynum *corneta*, *trompete de bolso*, *trompete baixo*, *fliscorne* e *trombone*

Taylor Ho Bynum toca corneta e vários outros instrumentos da família dos metais, é compositor, líder de banda e colabora com artistas nas áreas da dança, cinema e teatro. Dedicou-se à exploração avançada da composição e improvisação com origem nos pioneiros do século XX – mestres como Ellington, Ives e a AACM (Association for the Advancement of Creative Musicians) –, mas com um sabor a terceiro milénio. Lidera actualmente o seu Sexteto e o ensemble de câmara Spider-Monkey Strings, é co-líder da big band compacta Positive Catastrophe, trabalha com os

ensembles Tomas Fujiwara/Taylor Ho Bynum Duo, The Thirteenth Assembly, Book of Three e The Convergence Quartet, e toca com artistas tais como Jason Kao Hwang, Myra Melford, Joe Morris, Tyshawn Sorey e Cecil Taylor. O seu trabalho com Anthony Braxton tem sido reconhecido como uma das parcerias mais frutuosas da longa carreira deste compositor icónico, e o seu trabalho com Bill Dixon deu origem a algumas das obras-primas tardias deste inovador já desaparecido.

É vice-presidente do Festival of New Trumpet Music (FONT Music) de Dave Douglas, parceiro fundador da Firehouse 12 Records e presidente da Tri-Centric Foundation de Braxton.

Mary Halvorson *guitarra e efeitos*

A guitarrista e compositora Mary Halvorson estudou jazz na Wesleyan University e na New School for Social Research. Reside em Brooklyn, onde toca em duo com a violetista Jessica Pavone e na banda People (com Kevin Shea). Fez digressões na Europa e EUA com o Anthony Braxton Quintet e o Trio-Convulsant de Trevor Dunn. É membro de grupos liderados por Taylor Ho Bynum, Ted Reichman, Peter Evans, Tatsuya Nakatani, Matthew Welch, Curtis Hasselbring e Brian Chase.

A discografia de Mary Halvorson inclui: *People* (I&Ear) da banda homónima; *Prairies* (Lucky Kitchen) com Jessica Pavone; *Sister Phantom Owl Fish* (Ipecac) com o Trio-Convulsant de Trevor Dunn; *Live at the Royal Festival Hall* (Leo) com o Anthony Braxton Quintet em 2004; *Fragments* (Hopscotch) com a New York Underground Orchestra de Assif Tsahar; *Six Improvisations for Guitar, Bass and Drums* (H&H Production) com MAP.

Ingrid Laubrock *saxofones alto e soprano*

Ingrid Laubrock nasceu na Alemanha e vive em Brooklyn, Nova Iorque. Actuou e gravou com Anthony Braxton, Dave Douglas, Kenny Wheeler, Jason Moran, Tim Berne, William Parker, Mark Helias, Tom Rainey, Mary Halvorson, Kris Davis, Tyshawn Sorey, Evan Parker, Luc Ex, Human Chain de Django Bates, The Continuum Ensemble, entre outros.

Actualmente lidera projectos como Anti-House, Sleepthief, Ingrid Laubrock Orchestra e Ubatuba, e tem colaborado com LARK, Haste, Paradoxical Frog e em duo com Tom Rainey. É membro de projectos liderados por Anthony Braxton, Tom Rainey, Andrew Drury, Mary Halvorson, Kris Davis, Nate Woolley e Luc Ex. Participou enquanto solista na ópera *Trillium J* de Anthony Braxton.

Recebeu o Prémio de Inovação Jazz da BBC (2004), uma bolsa de Composição Jazz da Arts Foundation (2006), o Prémio da Rádio Alemã SWR (2013) e, em 2014, o Prémio da Crítica Discográfica Alemã. Recebeu encomendas de Jammy Dodgers, Festival de Jazz de Cheltenham, SWR New Jazz Meeting e ACO/Tri-Centric Foundation. Foi nomeada Rising Star pelos críticos da Downbeat e ganhou o "El Intruso Critics Poll" 2013 na categoria de saxofone tenor. Foi Improvisadora em Residência 2012 na cidade alemã de Moers, tendo liderado um ensemble de improvisação e realizado workshops em escolas. Deu workshops de improvisação na Towson University, Guildhall School of Music and Drama, Baruch College, University of Michigan e University of Newcastle.



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPALUSTROTECORNIOFACIL

MECENAS CASA DA MÚSICA

SONAE

APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**